



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL E O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE SERVIÇO SOCIAL – MESS: A ENESSO SOMOS TODOS NÓS

Pedro Paulo Telles Leão¹
Ana Claudia Fontes da Silva²

Resumo: O Movimento Estudantil de Estudantes de Serviço Social – MESS assume posturas que são historicamente contrárias à classe hegemônica, influenciando na formação do graduando em Serviço Social e sua consciência crítica/política, contribuindo para seu processo de construção profissional à luz do projeto profissional da categoria.

Palavras-chaves: Movimento Estudantil, Serviço Social, Formação Profissional.

Abstract: The Student Movement of Social Work - MESS assumes positions that are historically opposed to the hegemonic class, influencing the formation of the Social Worker and his critical / political conscience, contributing to his professional construction process in light of the professional project of the category.

Keywords: Student Movement, Social Work, Vocational Training.

1. INTRODUÇÃO

O Movimento Estudantil de Serviço Social – MESS, teve sua gênese, enquanto organização política-estudantil, junto à UNE em 1978, conjuntura de abertura política pós-ditadura militar. Foi promovido o I Encontro Nacional de Estudantes de Serviço Social – ENESS, que aconteceu em Londrina – PR, e teve como tema: "O Serviço Social e a Realidade Brasileira".

Na década de 1970, o MESS intensifica sua organização em nível nacional e em 1980 passa a articular com outras entidades da categoria profissional do Serviço Social, como ABEPSS, e um conjunto como CFESS/CRESS, como também com outros Movimentos Sociais e entidades estudantis (MONTAÑO & DURIGUETTO, 2011). Somado à problemática de distanciamento do ME à realidade/cotidiano dos estudantes e do contexto universitário, favorece a criação da Subsecretaria de Estudantes de Serviço Social da União Nacional dos Estudantes – SESSUNE, em 1988 (RAMOS & SANTOS, 1997).

¹ Profissional de Serviço Social, Centro de Referência em Assistência Social, E-mail: pedro.iuna@hotmail.com.

² Profissional de Serviço Social, Universidade Federal do Espírito Santo, E-mail: pedro.iuna@hotmail.com.

A trajetória do MESS é construída por diversas gerações, se fazendo parte constitutiva da história da profissão e da categoria dos(as) assistentes sociais, não acontecendo descolada desta, na medida em que ambos são processos imbricados e interdependentes, que se influenciam mutuamente, embora sejam inegáveis as particularidades (GUIMARÃES, 2014, p. 70).

O Serviço Social passa pelo movimento interno de crítica de si, conhecido como Movimento de Reconceituação, construindo um novo projeto profissional que se materializará no Código de Ética de 1993, Lei de Regulamentação da Profissão de 1993 e depois, nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996. Nesse ínterim, o MESS reconhece a sua necessidade de independência e autonomia perante a UNE, passando a se organizar através da Executiva Nacional dos Estudantes de Serviço Social - ENESSO, aprovada em plenária no XV ENESS em São Leopoldo-RS com o tema “As novas formas de organização do Capitalismo e os desafios à Formação Profissional do Assistente Social”. Assim, o MESS compromete-se com o projeto ético-político profissional, construído coletivamente pela categoria a partir do Movimento de Reconceituação, “intervindo mais qualitativamente nos debates sobre os rumos da profissão” (RAMOS & SANTOS, 1997, p. 142).

A presente discussão é fruto de pesquisa qualitativa, que buscou refletir acerca da participação do graduando em Serviço Social no MESS e os rebatimentos para a formação também política. Fez uso de formulário, entrevista e de gravador, para transcrição posterior, como instrumento.

2. A ENESSO SOMOS TODOS NÓS

A pesquisa foi realizada a partir do XXXVIII ENESS que aconteceu em Brasília-DF e que teve como tema “Eu me organizando posso desorganizar” (Chico Science). Nesse encontro, foi possibilitado contato com estudantes de diferentes regiões, da ENESSO e do Brasil.

O grupo para a pesquisa correspondeu a 22 estudantes de Serviço Social de diferentes idades: dezoito com idade entre 20 a 25 anos, dois com idade entre 35 a 30 anos e um com idade superior aos 40 anos, distribuídos em diferentes semestres letivos e, conseqüentemente, diferentes tempos de “militância”.

Militante é alguém nascido do povo, que coloca sua vida a serviço desse povo e une seu projeto de vida pessoal ao projeto de luta coletiva. Militante tem causa, projeto, estratégia, método e participa de uma organização. Militante não se elege, se reconhece pela sua entrega, disposição e preparo (PELOSO, 2012, p. 10).

Também foi questionado sobre a militância em outros movimentos além do MESS, e dos entrevistados, um número de doze relataram não militar em outro movimento. Já os que relataram militância em outro movimento, essas acontecem em movimentos diversos, como: Feminista, Coletivo Negro, LGBT, Quilombolas,

Movimento Mães pela Diversidade, Movimento Mudança, Liga Marxista Operária, União da Juventude Comunista, Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro, Coletivo Viração do Araguaia e outros. É importante situar também que dentro da ENESSO existem setoriais de combate às opressões, à saber: ENESSO Feminista; SANKOFA – Frente Étnico-Racial da ENESSO; e setorial LGBT da ENESSO.

Dos entrevistados, treze foram de instituição pública e nove de instituição privada.

Dos estudantes de instituição pública o envolvimento no MESS acontece através do CA ativo. Já dos estudantes de instituição privada, seis relataram que o envolvimento no MESS acontece através do CA, sendo que dois desses mencionaram o pouco envolvimento dos estudantes. Um relatou que o CA da instituição está em processo de construção, dois relataram que a instituição não possui CA ou DA, justificando o fato por justamente ser uma instituição de ensino privada.

Cabe ressaltar que a organização dos estudantes através de CA e DA é um direito assegurado em lei, seja em instituição de ensino público ou privado. O Art. 5º da Lei Nº 7.395 de 31 de outubro de 1985 traz que:

Fica assegurado aos Estudantes de cada curso de nível superior o direito à organização de Centros Acadêmicos - CAs ou Diretórios Acadêmicos - DAs como suas entidades representativas (BRASIL, 1985).

Das Instituições de Ensino com o CA ativo, como também as instituições que não possuem o CA, mas que constroem o MESS de forma livre, obteve-se diferentes relatos referentes ao trabalho de base desenvolvido.

O trabalho de base é parte indispensável da luta popular. O trabalho de base é a condição e o sustento do trabalho político e do trabalho de massa; o trabalho político e o trabalho de massa devem ser expressão e a consequência do trabalho de base. O trabalho de base é a ação política transformadora, realizada por militantes de uma organização popular, que mete o corpo em uma realidade concreta, para despertar, organizar o povo a solução de problemas do cotidiano e ligar essa luta a luta geral contra a opressão (PELOSO, 2012, p. 10).

Em relação ao trabalho de base, os estudantes relataram que acontecem mediante formação política, encontros, mesas e ciclos de debates, encontros de escolas, reuniões, pré-encontros, calouradas políticas, recepção dos calouros, ABC do MESS³, rodas de discussões, assembleias e outras. Com essa pergunta, pode-se observar que o trabalho de base segue uma linha quase que igualitária nas diferentes Instituições de Ensino, diferenciando-se apenas mediante às possibilidades e desafios de cada uma. Ainda sobre o trabalho de base, um dos participantes mencionou que

³ ABC do MESS é o nome popular quando acontece a apresentação do MESS aos estudantes novos nesses espaços, o que é de grande importância ao MESS, uma vez que a base “é a porta de entrada que acolhe, escolhe e prepara as pessoas que servem para a organização popular” (PELOSO, 2012, p. 59).

este deve acontecer de forma a “pegar a ferida da galera para trazer para dentro do ME, colocando a possibilidade de lutar”.

Quanto aos seus desafios para que aconteça de maneira efetiva, foi elencado a falta de interesse dos estudantes, incentivo do corpo docente e da Instituição de Ensino. Um dos relatos quanto aos desafios, chama a atenção devido a sua problematização, ao qual se faz necessário se pensar o papel da Instituição de Ensino e do ser estudante:

A instituição desmotiva muito, as aulas desmotivam, inclusive a estrutura física da instituição desmotiva. Você não se sente parte. Eu entro na instituição, assisto aula e vou embora. Eu não tenho vontade de ficar ali, de dialogar com meus colegas, criar alguma coisa.

Já indicado o desafio do trabalho de base, foi questionado o desafio do MESS na contemporaneidade, ao qual em todas as respostas esteve a realização de um, de fato, trabalho de base para que o MESS aconteça.

Outros desafios do MESS foram pontuados, como: o chegar em algumas instituições de ensino, principalmente privadas, articulação política, abarcar os alunos trabalhadores e ainda, outros, como nas falas: “trazer uma proposta que de fato dialogue com todos os estudantes”, “mostrar para a galera que precisa se movimentar de verdade”, a “necessidade de se articular com outros Movimentos Sociais para além dos que já estão presentes dentro da universidade”, e o desafio de “reencantar a base, reencantar os estudantes, fazer com que os estudantes se reconheçam na Executiva, que é uma coisa que vem se perdendo”. Nessa última fala, deve-se saber que reencantar a base e trazer novos militantes não se constitui em uma tarefa fácil ao MESS, pois o espírito de militância, segundo Peloso (2012) surge por indignação e por uma entrega apaixonada.

Obeve-se também outros relatos, ainda quanto ao desafio no MESS, em que é possível observar uma crise de ego que permeia o Movimento, de atrito de interesses próprios, no qual o desafio é o de “recuperar o senso de coletividade, de ‘vamos construir juntos’, ‘vamos se opor a várias coisas juntos’, afinal nós somos o MESS e não vários MESS distribuídos”.

Nesse prisma, é possível refletir que é importante retomar o trabalho de base no MESS, e sobre isso, deve-se ter a clareza de que não é uma agitação e propaganda, mas sim, o resgate de uma “estratégia, um caminho de luta e organização” (PELOSO, 2012, p. 10). Também é necessária a formação política dos militantes, pois “ter formação é saber desmontar o sistema capitalista e elaborar políticas para resolver os problemas do povo” (PELOSO, 2012, p. 39), e assim o MESS, cumpri com sua proposta: a construção de uma nova ordem societária.

Outros desafios do MESS apontados, que merecem ser destacados nas falas, é o fato de que alguns estudantes “estão defendendo pautas políticas de partidos políticos, esses estão defendendo regras, estatutos, direção, em vez de estarem nas ruas fazendo luta, mostrado para que veio”, como também o de “lutar por uma educação pública, gratuita, laica, de qualidade”. Quanto a esse último desafio, foi problematizado que grande parte das Instituições de Ensino em Serviço Social são privadas e EAD. Essa é uma das bandeiras de luta do MESS, como observado em seu Caderno de deliberação (ENESSO, 2015), no tópico 31 no Eixo de Universidade e Educação: “Rumo ao fim do ensino pago. Pela garantia de uma educação pública, gratuita, laica, presencial e de qualidade” e no tópico 40 do Eixo de Conjuntura: “Por uma educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Pelo fim das instituições privadas de ensino. Educação não é mercadoria!”, como também uma luta da ABEPSS e do conjunto CFESS/CRESS.

Outro ponto, ainda relacionado ao desafio do MESS, foi exposto por um estudante sobre a dependência tecnológica em que os Movimentos Sociais na cena contemporânea estão condicionados a sofrer, ao qual a “coisa presencial de estar no espaço está se perdendo muito e a base está desarticulada”. Esse mesmo desafio é abordado por Peloso (2012, p. 149) que colabora dizendo que, no cenário do século 21, um dos desafios do trabalho de base é o fato da “tecnologia condicionar a forma de pensar”.

Refletido os desafios do MESS e para o trabalho de base, foi questionado quanto ao envolvimento do graduando no MESS. Nesse ponto, a pergunta foi subdividida nos incentivos da Instituição de Ensino e nos incentivos do corpo docente, ou na omissão desses.

Maior parte dos estudantes entrevistados relataram não receber qualquer incentivo da Instituição de Ensino, e apenas cinco relataram o contrário, sendo que desses, três relataram que o incentivo que acontece é pouco e os outros dois relataram que o incentivo acontece apenas mediante ajuda financeira.

Da falta de incentivo da Instituição de Ensino para com o MESS, um dos entrevistados, estudante de instituição privada, relatou que: “(...) a instituição quer que a gente fique bem quietinhos, pegue o diploma, se forme e vá trabalhar” e outro também estudante de instituição privada, relatou que:

A instituição como todas as outras privadas, mercado, não vão dar o apoio a algo que fazem crítica a eles. Inclusive muitos professores se privam de dar o apoio a gente por causa da Instituição.

Diante desse cenário, é necessário pensar além da participação do estudante de Serviço Social no MESS, é refletir também a atuação do assistente social como

docente, dentro de Instituições de Ensino, pública e privada, e sua relação com o MESS no ambiente de Ensino.

Grande parte dos entrevistados relatou que o incentivo partindo do corpo docente acontece apenas de profissionais que militavam no ME quando estudantes e um número significativo de entrevistados relatou que o incentivo dos docentes ao MESS é pouco, deixando falas como: “não flexibilizam e isso não é dar muita importância para o movimento”; ou que “alguns estimulam falando que vai ser bom mas que também vai atrasar”; ou mais problemáticas como: “infelizmente ainda vemos professores com falas contra o movimento estudantil, denegrindo”; ou mesmo que:

(...) reconhece como importante e falam de movimentos sociais, mas ao mesmo tempo não há um ‘nossa! isso é muito importante para vocês, conheçam, apresentam, falam sobre’, não.

Assim, é preciso refletir acerca da responsabilidade que os docentes aderem ao “assumir a tarefa de formar profissionais com uma determinada direção, já indicada no Projeto Político Profissional” (FAUSTINI, 2014, p. 104), devendo ter, enquanto docente, a função de “ser menos um transmissor de conhecimento e muito mais aquele que desafia os alunos, de forma individual e coletivizada, a problematizar a realidade e nela se posicionar” (FAUSTINI, 2014, p. 106).

Diante do exposto, deve-se saber que:

os membros do corpo docente devem aprender como reagir à militância. Alguns parecem haver-se reunido para apoiar aquilo que consideram exigências legítimas, ao passo que outros cooperam aparentemente com esperanças que poderão usar a força assim gerada para pressionar as suas próprias reivindicações. Outros ainda, e possivelmente a maioria, acham que os esforços dos estudantes militantes somente servirão para atrair contra eles e toda a educação superior a má vontade da sociedade maior, especialmente do setor político (MAYHEW, 1972, p. 189).

Contudo, como sinaliza Iamamoto (2014), também se deve ter o conhecimento das condições de trabalho docente e sua precariedade, que evidencia em seus enfrentamentos na Instituição de Ensino e postura frente ao MESS.

Pensando a precariedade do trabalho docente e reconhecendo que grande parte dos estudantes relatou que o incentivo dos docentes ao MESS parte, na maioria das vezes, de docentes que militaram enquanto estudantes, foi perguntado aos participantes como deve ser a militância para depois da formação acadêmica em Serviço Social. Todos os estudantes relataram a continuidade da militância, seja no ME, na própria categoria ou em outros eixos.

Em relação a continuidade da militância, com os relatos dos participantes, é possível observar o que Peloso (2012) nos diz em relação a ser um militante, é possível ver a paixão dos estudantes ao relatarem a militância para depois da formação em Serviço Social, como na fala: “eu acho que quando eu morrer a minha

alma lá no céu vai estar militando por alguma coisa, de alguma forma” ou mesmo na fala abaixo, completando a de outro estudante:

(...) eu não me vejo mais viva sem estar fazendo algo do tipo (...) não me vejo enquanto pessoa, não participar em algum movimento que propicie minimamente uma ideia de revolução, de outra sociedade diferente.

Em outros relatos, foi possível observar que a militância esta diretamente ligada ao Serviço Social, em um sentido de ser essa categoria uma profissão de eterna militância. Sobre isso, é importante retomar Iamamoto (2015), ao abordar a militância política que foi transferida para a prática profissional do assistente social a partir do compromisso firmado pela categoria na construção do projeto ético político em opção a um projeto societário.

Seguindo esse viés, foi relatado também: que “a maior militância para quem forma em Serviço Social, é manter esse espírito que a gente vive no ME, não se institucionalizando”; assim como também para essa outra estudante, uma das importâncias da militância no MESS está em ser o “primeiro movimento que você entra que te dá forças para os movimentos futuros”, como observado também em outros relatos, como abaixo:

(...) quando você analisa os profissionais que tiveram uma historia no MESS eles continuam militando. Enquanto movimento social o MESS é encantador, um incentivo, porta de entrada (...). É difícil encontrar alguém que tenha militado e que não esteja hoje em algum movimento social.

Pensado a militância durante a formação em Serviço Social e posterior, pode-se refletir a articulação com a categoria de profissionais com os estudantes. Como já visto, o conjunto CFESS/CRESS e ABEPSS, assim como a ENESSO, hoje são importantes entidades de lutas do Serviço Social que constituem uma ferramenta de articulação do MESS com a categoria profissional do Serviço Social.

Nesse ínterim, é possível retomar ao que já foi referenciado por Ramos (2011), de que uma característica da organização política do Serviço Social brasileiro é a articulação das entidades representativas da categoria profissional, fazendo-se ter uma relação entre exercício profissional, formação profissional e estudantes. Todavia, os participantes, ao serem questionados sobre a articulação do MESS com a categoria profissional, alguns relatos foram problemáticos, seguindo o sentido de que somente os profissionais que militaram no MESS voltam depois de formados para articular com o Movimento.

Alguns relatos são no sentido de que a articulação acontece somente enquanto ENESSO com as demais entidades da categoria, ficando precária a articulação na base, dentro da Instituição de Ensino. Também, outros relatos, foram problemáticos ao MESS, como o relato: “não tem. Com a categoria, só com os professores e estágio, mas é bem pouco. Só é falado, mas no concreto não é”.

Entretanto, muitos reconhecem a articulação entre as categorias, relatam o reconhecimento do conjunto CFESS/CRESS para com a ENESSO, e afirmam o que já foi relatado por Ramos (2011), como na fala da estudante: “a categoria reconhece muito [a ENESSO/MESS], o que não vejo em outras categorias”. Também relataram um diálogo produtivo na realização de atividades eventos, cadeiras em mesas e outros, o que é algo necessário e uma construção histórica:

Eu vejo que existe, que as entidades da categoria são bem parceiras da ENESSO e reconhecem a importância da ENESSO historicamente. Essa parceria não é de agora, e até porque muitos profissionais passaram pela ENESSO. Estamos sempre em diálogo, quando tem uma campanha e uma luta.

É importante ser situado, dado a articulação das entidades com a ENESSO, que a diretoria nacional da ABEPSS, dentre seus cargos, possui o cargo de Representação Nacional de Discente de Graduação, que é eleito nos espaços do ENESS. As representações discentes em ABEPSS, nacionais e regionais, conforme o art. 15 do Estatuto da ENESSO, “devem ser estudantes de Serviço Social que militam no MESS” (ENESSO, 2013). A esses competem, segundo o art. 26º da ENESSO:

a) Com o objetivo de contribuir com as pautas da graduação, concomitantemente nos espaços da ABEPSS e MESS fortalecendo a discussão de formação profissional. As representações Discente em ABEPSS devem atuar articuladas com os Coordenadores Nacionais/Regionais e Secretários/as de escolas da ENESSO, encaminhando as questões de interesse da Formação Profissional em Serviço social no Movimento Estudantil de Serviço Social. b) Às representações Discentes Nacionais cabe acompanhar as Representações em ABEPSS Regionais, para que se tenham uma política nacional articulada. Participar dos fóruns Nacionais e Regionais, trabalhar em conjunto com a Coordenação de Formação profissional da ENESSO. c) Às Representações discentes Regionais cabe acompanhar as escolas de Serviço Social conjuntamente com a Coordenação Regional da ENESSO afim de fortalecer o projeto ético político profissional, pautando na teoria social crítica (ENESSO, 2013).

Por fim, os participantes foram indagados sobre a importância da participação enquanto graduando de Serviço Social no MESS e todos relataram de forma positiva, construtiva e necessária tal participação, o que leva a reflexão ao que Netto e Faleiros (1986, p. 59) já referenciavam:

O que é necessário é fazer política para poder fazer análise política dentro das nossas escolas, identificar as correlações de poder dentro das nossas escolas, dentro das instâncias sociais, das agências governamentais (...). Nós precisamos politizar a profissão nesse sentido. Há que fazer política profissional, há que valorizar o sindicato as associações da classe, as instâncias como ABESS [atual ABEPSS] e tantas outras. A política profissional passa por aí, passa pela sala de aula pelo departamento de estágio (NETTO & FALEIROS, 1986, p. 59).

Quanto às falas, referentes a importante participação do graduando de Serviço Social no MESS, os participantes seguiram diferentes linhas, que quando analisadas, nos é possibilitado observar que elas não se opõem, mas conversam entre si.

O MESS, segundo o relato dos participantes, é um importante espaço de fortalecimento da profissão e da formação profissional, de luta em favor de demandas dentro das universidades e por uma nova ordem societária, em diálogo com a classe profissional e trabalhadora. Como também um espaço para formação política e crítica

Na fala que segue, o MESS é enfatizado com um espaço de articulação entre a teoria e prática, ao qual este espaço é importante para o graduando conseguir ver na prática o que se é apreendido na academia:

Principalmente a relação do que a gente lê com o que a gente vive. O mais importante no ME é isso, o que eu consigo ler eu consigo aplicar. E antes de ver na sala de aula eu já vejo no MESS.

Nesta mesma linha, outro participante enfatiza:

Acho importante para nossa formação política, porque como a gente é uma profissão que tem um direcionamento ético político, se envolver no Movimento Social é tão importante como estudantil de serviço social é fundamental. Você vai aprender a alinhar sua teoria, sua bagagem teórica com a parte prática da profissão. Vai ajudar muito nesse sentido, alinhar esses dois eixos.

Pensar uma prática que não seja fragmentada da teoria é romper com o “discurso da cultura profissional de que na prática a teoria é outra” (SIMIONATTO, 2009, p. 18) e desviar-se do campo da imediaticidade cotidiana.

Não fugindo da reflexão “teoria-prática”, o relato que segue explora a forma como se dá o debate, ao qual, no MESS, o mesmo acontece de maneira vertical, ficando os participantes deste Movimento mais a vontade para construí-lo, tendo em vista que o MESS é um espaço dos estudantes, para os estudantes.

Tem uma linha de diferença do que era a NOME, que só ficava no meio acadêmico, para agora participando no MESS, que se inseriu nesses espaços, que são espaços que eu acho que o debate é muito mais rico que as exposições dentro de sala de aula. É de uma outra linguagem, são debates que você se sente muito mais a vontade para conversar e são muito mais construtivos e enriquecedor. É de extrema importância, todo estudante de Serviço Social deveria fazer parte de alguma forma.

Um outro participante diz sobre a importância da participação no MESS, enquanto um Movimento que proporciona um novo campo de conhecimento, porque “tira do conforto da sala de aula, faz ter uma visão mais crítica” onde o estudante vai “conhecendo e descobrindo coisas novas e se desconstruindo diariamente, quebrando todo o senso comum que a gente vem trazendo na vida”.

Iamamoto (2009, p.3), aborda a visão crítica e colabora dizendo que:

(...) a competência crítica capaz de desvendar os fundamentos conservantistas e tecnocráticos do discurso da competência burocrática. O discurso competente é crítico quando vai à raiz e desvenda a trama submersa dos conhecimentos que explica as estratégias de ação. Essa crítica não é apenas mera recusa ou mera denúncia do instituído, do dado. Supõe um diálogo íntimo com as fontes inspiradoras do conhecimento e com os pontos de vista das classes por meio dos quais são construídos os discursos: suas bases históricas, a maneira de pensar e interpretar a vida

social das classes (ou segmentos de classe) que apresentam esse discurso como dotado de universalidade, identificando novas lacunas e omissões (2009, p. 3).

Em outros relatos é possível observar a importância da participação do graduando no MESS como um preparo, necessário, para atuação profissional futura:

Em qualquer curso eu acho muito importante a militância, mas no nosso é essencial, pois está muito ligado à profissão e a tua formação, vai ser bem diferente e melhor da pessoa que não milita e não teve contato, porque você entende muita coisa, da articulação, da coletividade, tão intrínseco ao nosso curso. Horizontalidade, discussão, debater, articulação.

Nesta mesma linha de reflexão, em relato de outro participante, a importância da participação do graduando no MESS liga-se a esta participação dialogar com o projeto profissional do Serviço Social e assim com as nuances que engloba tal participação.

Eu vejo importante, porque além da experiência de organização, tem tudo a ver com o curso, da organização e lutas coletivas. E também o MESS tem um caráter classista que dialoga com o projeto ético político profissional e prepara bastante a gente para ser assistente social que continua organizado. Bastante gente da categoria, que se organiza nos espaços da categoria, também se organizou nos espaços do MESS, então dá bastante bagagem, além de questões pessoais, de fazer amizades, de aprender a falar em público.

Cabe retornar a discussão que as entidades ABEPSS, conjunto CFESS/CRESS e ENESSO, são hoje entidades representativas, e de organização política, da categoria profissional do Serviço Social. Assim, diante do relato acima, é possível observar a ENESSO como entidade que proporciona uma experiência de organização, possibilita uma organização futura, seja em sindicatos, Movimentos Sociais e outros, mas principalmente na ABEPSS e CFESS/CRESS, que se relacionam, junto com a ENESSO, e se mantêm em resistência, no que diz respeito a organização política, frente a conjuntura adversa, ao defender as primícias do projeto profissional do Serviço Social.

Por fim, apresenta-se acerca da importância da participação do graduando no MESS, um registro que engloba todas as colocações apontadas e discutidas até aqui, que reafirma o diferenciado perfil de estudante ligado ao movimento. E assim como esse perfil diferenciado enquanto graduando, se diferenciará no perfil do profissional de Serviço Social, ao distanciá-lo de práticas que fogem da direção do projeto ético político.

O graduando de serviço social, para mim, sem o ME, não é uma formação completa. Eu acho que é importante na formação do aluno de serviço social. O perfil do estudante de serviço social que milita no MESS é diferente do aluno que estuda apenas dentro de sala de aula. O pensamento é totalmente diferente.

Espera-se o encantamento da base do MESS e a inflorescência do espírito militante em cada estudante de Serviço Social, para que de alguma forma seja ampliado a todos o lutar politicamente por uma nova sociedade, e o cumprimento com o projeto profissional e projeto de formação desta categoria, pois como diz a militante Bianca Ribeiro: “Meu rosto já não é só meu; Minha voz já não é minha! Sua garra me conquistou; E agora, cá estou; Nessa busca árdua e incessante; Mas doce, forte e militante!” (ENESSO, 2013/2014).

3. CONSIDERAÇÕES

O MESS, com bandeiras alinhadas ao projeto ético político profissional do Serviço Social, constitui um lócus de militância, teórica e prática, essencial à formação profissional, por proporcionar uma militância e construção deste espírito durante a formação, que leva a uma militância futura e uma atuação mais politizada. O MESS se manifesta através da ENESSO, entidade máxima de representação estudantil de Serviço Social, que junto às demais entidades da categoria profissional se articulam e lutam coletivamente pela construção de uma nova ordem societária e contra qualquer tipo de opressão e dominação.

Constata-se que um dos desafios do MESS, na atualidade, constitui a pouca participação dos estudantes neste Movimento e o trabalho de base realizado pelo mesmo. Todavia, floresce a militância, que é luta e também é apaixonante, como evidenciou-se na presente construção.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Lei nº 7.395 de 31 de outubro de 1985. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7395.htm>. Acesso em 29/08/2016.

ENESSO. **Caderno de Deliberações**. ENESSO: Rio de Janeiro-RJ, 2015.

ENESSO. **Estatutos da ENESSO**. ENESSO: CUIABÁ-MT, 2013.

ENESSO. **Que bicho é esse?** ENESSO: Coordenação Nacional da ENESSO 2013/2014.

FAUSTINI, M. S. A. **O Ensino no Serviço Social**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2014.

GUIMARÃES, M. C. R. Movimento Estudantil de Serviço Social e dilemas atuais: o desafio é (re) encantar-se. In: **Universidade e Sociedade**, Nº 54, ANDES-SN, 2014, p. 70-81.

IAMAMOTO, M. V. A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. In: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014.

IAMAMOTO, M. V. O Serviço Social na cena contemporânea. In: **Serviço Social, direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na contemporaneidade trabalho e formação profissional**. 26 ed. São Paulo, Cortez, 2015. 326 p.

MAYHEW, L. A organização da profissão. In: MORRIS, W. H. (Org.). **O Ensino superior: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972, p. 186-205.

MONTAÑO, C.; DURIGUETTO, M. L. **Estado, classe e movimento social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 384 p.

NETTO J. P.; FALEIROS, V. de P. Teoria método e historia na formação profissional. In: **Cadernos ABESS, O processo da formação profissional do assistente social**. Nº 1. Cortez Editora, São Paulo, 1986.

PELOSO, R (Org.). **Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

RAMOS, S. R. A importância da articulação entre ABEPSS, conjunto CFESS/CRESS e ENESSO para a construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social brasileiro. **Temporalis**. Brasília-DF, n.22, p.113-122, jul./dez. 2011.

SIMIONATTO, I. As expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política. In: **Serviço Social, direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.